

O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA A PARTIR DE PERIÓDICOS NACIONAIS DA EF

Recebido em: 03/04/2020

Aprovado em: 09/10/2020

Licença: 

Christian Ferreira Mackedan¹

Elaine Tonini Ferreira²

Gabriel Gomes da Silva³

Lincoln Belmonte Bender⁴

Mariângela da Rosa Afonso⁵

Luiz Carlos Rigo⁶

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Pelotas – RS – Brasil

RESUMO: A discussão sobre o racismo no Brasil é um tema relevante e atual, sendo enfrentado cotidianamente pelos afro-brasileiros. No cenário futebolístico não é diferente e este artigo ocupa-se a fazer uma revisão sistemática qualitativa das produções sobre o negro no futebol brasileiro, publicadas em periódicos científicos com escopo na Educação Física que, no Qualis/Capes do quadriênio 2013-2016, foram classificadas pela área 21 no extrato B2 ou superior. Divididos em cinco temáticas, encontrou-se resultados específicos: os jogos, Preto X Branco buscaram reforçar a integração racial; a imprensa negra atuava no combate ao racismo; a culpa do jogador negro, Barbosa, na derrota de 1950 não se deveu às análises esportivas à época; a cultura negra como atributo fundamental no estilo brasileiro de jogar; por fim, a discriminação racial no meio é uma prática recorrente e as autoridades pouco têm feito para combatê-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Racismo. Revisão Sistemática.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição.

² Mestranda em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Possui graduação em Educação Física pela mesma instituição.

³ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). É mestre em Educação Física pela mesma instituição.

⁴ Possui graduação em Educação Física (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). É Especialista em Treinamento Desportivo pela Faculdade SOGIPA e Mestre em Educação Física na área de Metabolismo e Desempenho Humano na UFPel. Trabalha com preparação física de futebol desde 2015 e é membro do Laboratório de Estudos em Esporte Coletivo (LEECOL - UFPel).

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora titular da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da instituição. Atualmente é Tutora do Programa de Educação Tutorial (PET/ESEF).

⁶ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professor titular com atuação na graduação e na pós-graduação (mestrado e doutorado) da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

**BLACK PEOPLE IN BRAZILIAN FOOTBALL: A SYSTEMATIC REVIEW
BASED ON NATIONAL PE JOURNALS**

ABSTRACT: Racism in Brazil is a relevant and current discussion, being faced daily by the Afro-Brazilians. As it also happens in the football scenario, this article engages a systematic qualitative review of the scientific productions concerning black people in Brazilian soccer published in academic journals focused on Physical Education, classified in area 21, stratum B2 or higher in Qualis/Capes four-year period 2013-2016. Five subjects compose the specific results found: first, the Black X White games sought to reinforce racial integration; second, the black press acted to fight racism; third, Barbosa's fault, a black player, in 1950's defeat was not due to sports analyses at the time. Fourth, black culture is a fundamental attribute to the Brazilian play style, and lastly, racial discrimination in this environment is an iterant practice, and authorities have done little to fight it.

KEYWORDS: Soccer. Racism. Systematic Review.

Introdução

O Futebol Moderno trata-se de uma modalidade do Esporte Moderno (ELIAS e DUNNING, 1992), o qual emerge no contexto Inglês do século XIX e logo se dissemina para outros países e continentes, tornando-se, no século XX, o “Esporte das Multidões” (GIULIANOTTI, 2002). Todavia, essa rápida proliferação do futebol moderno, em muitos territórios, iniciou-se a partir das relações que as elites desses países mantinham com as elites inglesas (LOPES, 2004, p. 125). No Brasil, no entanto, esta distinção social foi potencializada pela conjuntura histórica nacional, uma vez que o futebol chega a um país que completava apenas uma década do fim da escravidão, no qual as tensões raciais existentes no contexto da inclusão dos negros no mercado de trabalho assalariado eram intensas (DOMINGUES, 2009; LONER, 1999, p. 240-280).

Assim, apesar de a maior parte dos clubes de futebol fundados no Brasil no final do século XIX e no começo do século XX ter se inspirado ou influenciado pelo futebol inglês, registros históricos assinalam que, nessa mesma época, em diferentes regiões do país muitos operários e negros também passaram a se interessar pelo futebol (PEREIRA, 1998; RIGO, 2004; MASCARENHAS, 2014).

Este interesse pelo futebol de indivíduos de diferentes classes sociais e etnias produziu uma série de conflitos. Pereira (1998, p. 53-71) mostra a presença desses embates no futebol do Rio de Janeiro, no início do Século XX. Parte deles envolvia a Liga Metropolitana de Sports Atléticos, hegemonizada por agremiações mais elitizadas, e a Liga Suburbana, entidade na qual as agremiações constituídas por operários e negros eram aceitas. Um exemplo desses conflitos foi o episódio, ocorrido em 1907, no qual a Liga Metropolitana enviou ofício aos clubes comunicando que “resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor” (PEREIRA, 1998 p. 63). Essa deliberação fez com que o Bangu Athletic Club deixasse a Liga Metropolitana e aderisse à liga Suburbana.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, essa proliferação do futebol logo fez emergir em diferentes cidades brasileiras agremiações futebolísticas constituídas por operários e negros (MASCARENHAS, 1999; MACKEDANZ, 2016; SANTOS, 2018; SANTOS, 2010; OLIVEIRA, 2005; RIGO, 2004). No Rio Grande do Sul, por exemplo, há registros de clubes e também de ligas futebolísticas que eram compostas por agremiações negras, como é o caso da Liga José do Patrocínio, fundada em 1919 na cidade de Pelotas (MACKEDANZ, 2016) e a Liga Nacional de Foot-Ball Porto-Alegrense, fundada em 1920 em Porto Alegre (MASCARENHAS, 1999; SANTOS, 2018).

O processo de profissionalização do futebol, reconhecido oficialmente em 1933, após duas décadas de amadorismo marrom⁷, contribuiu para intensificar a popularização/democratização desta modalidade, favorecendo a entrada de jogadores pobres e negros, que antes acabavam não conseguindo se manter apenas como

⁷ Um amadorismo de fachada, que fornecia “benefícios” aos jogadores. Variavam desde horários de trabalho “flexíveis”, mobílias, empregos melhores até gratificações em dinheiro.

amadores, em um número maior de clubes futebolísticos (SANTOS 2010⁸; RIGO, 2004, p. 130-141).

Fraga (2009, p. 173) adverte, porém, que a profissionalização não significou um fim ou mesmo uma atenuação nas tensões raciais do futebol de um país de passado escravista como o Brasil. Tal aceitação de jogadores negros nos clubes estaria condicionada à prévia abertura da equipe a não brancos, e à comprovação de que o atleta negro traria acréscimo incontestável à qualidade do elenco.

Os recorrentes casos contemporâneos de injúrias raciais contra jogadores de futebol, proferidas por jogadores adversários ou pelas torcidas rivais ou até do próprio clube, nos fazem refletir se, neste país que por muitos anos veiculou internacionalmente a imagem de uma democracia racial, o racismo no futebol realmente foi superado. Conforme Guimarães (2005, p. 67) acertadamente adverte, ainda que a distinção entre raças seja uma ideia biológica errônea, já ultrapassada, ela é socialmente eficaz para construir e manter privilégios, ou seja, se elas não existem no sentido científico, elas existem no mundo social e por isso o racismo é um fenômeno que precisa ser estudado. Considerando a grande diversidade de temáticas de pesquisa sobre o racismo no futebol, faz-se necessário um balanço das publicações já realizadas, que apresente e discuta os principais temas que estão sendo tratados e, se possível, que aponte potenciais temáticas que não estejam recebendo a devida atenção dos pesquisadores.

Com esse objetivo, foi realizada uma revisão sistemática qualitativa das produções sobre o negro no futebol brasileiro, desde temáticas ligadas à influência étnica dos afro-brasileiros no estilo nacional de jogar futebol até estudos sobre os

⁸ Santos (2010) faz algumas ressalvas sobre a narrativa construída a respeito do papel do Club de Regatas Vasco da Gama na democratização do futebol brasileiro, mostrando que muitos dos jogadores pobres e negros que integravam o time campeão carioca de 1923, foram tratados como “operários da bola”, os quais recebiam salários menores do que o lucro que geravam. O autor alerta também que alguns encerraram suas carreiras, precocemente, desamparados pelo clube. Todavia, apesar disso, o autor não contesta a ideia de que os acontecimentos ocorridos no CR Vasco da Gama, em 1923, representam uma ruptura no clube e, também, um marco para a historiografia do futebol brasileiro.

episódios de racismo e injúria racial no referido esporte, publicados em periódicos científicos com escopo da Educação Física, classificados no extrato B2 ou superior no Qualis da área 21 da CAPES, no quadriênio 2013-2016.

Apesar do tema futebol e também do subtema futebol e racismo estarem longe de ser uma exclusividade de estudo do campo da Educação Física, neste artigo, de maneira estrita, delimitamos a busca em revistas com escopo na Educação Física por interessar-nos diagnosticar e analisar, especificamente, qual o trato que a área mencionada tem dado ao subtema futebol e racismo.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão sistemática qualitativa. A revisão sistemática possibilita a interpretação de categorias representativas de uma realidade específica e/ou a identificação de temas que revelem a necessidade de evidências, auxiliando, assim, na orientação para investigações futuras (MULROW, 1994). Na revisão sistemática qualitativa os resultados não são analisados através de uma meta-análise, estatística, mas sim de uma metassíntese (MEDINA; PAILAQUILÉN, 2010, p. 7).

O método completo de revisão seguiu as indicações de Gomes e Caminha (2014, p. 406), realizando os seguintes passos: 1- identificação da necessidade da revisão sistemática sobre o tema escolhido; 2- preparação de uma proposta para a revisão sistemática; 3- seleção das bases de dados, descritores e estudos; 4- 1ª reunião de consenso; 5- Avaliação da qualidade das pesquisas; 6- organização dos dados a serem incluídos; 7- 2ª reunião de consenso; 8- extração, síntese e interpretação dos dados (metassíntese) e 9- redação do texto final e recomendações.

Dois pesquisadores, de forma independente, realizaram buscas nas revistas científicas brasileiras com escopo na Educação Física, classificadas na área 21 da CAPES, nos extratos B2 ou superior no WebQualis, no quadriênio 2013-2016⁹. São elas: *Licere* - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer; *Motrivivência* (Florianópolis); *Motriz*: Revista de Educação Física (Online); *Movimento* (UFRGS. Online); *Pensar a Prática* (Online); *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (Online); *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* e *Revista da Educação Física* (UEM. Online). A pesquisa ocorreu nas ferramentas de buscas das próprias revistas pelo fato de as mesmas não estarem todas indexadas em bases de dados.

Todas as oito revistas brasileiras selecionadas possuem certa aderência à área das ciências humanas e sociais (conforme mostra o escopo das respectivas revistas, sistematizados na tabela 1), propiciando a publicação de estudos que tratam do Esporte e da Educação Física a partir da perspectiva das ciências humanas.

Tabela 1: Escopo dos periódicos analisados

Revista	Escopo
Licere	Está aberta para receber contribuições de profissionais das mais diferentes áreas de atuação e formação, desde que tenham o intuito de contribuir para o avançar da discussão sobre o Lazer em nosso contexto.
Motrivivência	Apresenta a cultura corporal na sua interface com as ciências humanas e sociais, abordagens socioculturais, filosóficas e pedagógicas na EF e áreas afins.
Motriz	Tem como missão a divulgação da produção científica em Ciências da Motricidade Humana e áreas correlatas, objetivando contribuir com a discussão e o desenvolvimento do conhecimento nestas áreas.
Movimento	Aborda temas relacionados ao campo da EF em interface com as Ciências Humanas e Sociais, em seus aspectos pedagógicos, históricos, políticos e culturais.

⁹Disponível em:

<http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>. Acesso em: 23 out. 2017.

Pensar a Prática	Enfoca as questões referentes à cultura corporal e do movimento humano, proporcionando o debate do campo acadêmico e profissional da EF.
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Publica pesquisas originais sobre os diferentes temas que compõem a área de EF/Ciências do Esporte. Divulga a diversidade e variedade teórica, metodológica, disciplinar e interdisciplinar das pesquisas nacionais e internacionais.
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Discute temáticas que contribuam para o avanço do conhecimento nas áreas de EF, Esporte e afins.
Revista da Educação Física	Realiza uma política de inserção de temáticas abrangentes possibilitando a diversidade das subáreas da Educação Física e Esportes, contribuindo para o conhecimento das Ciências da Saúde/Humanas.

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Em cada revista foram utilizados os descritores “Futebol”; “Racismo”; “Negro”, “Injúria racial” e “Preconceito” de forma combinada, ou seja: “futebol AND racismo”; “futebol AND negro”; “futebol AND preconceito” e “futebol AND injúria racial” para a busca de artigos publicados em inglês, português ou espanhol. Não foi considerado especificar ano para início da busca por se tratar de um assunto que faz parte da história do futebol. O levantamento foi realizado em 10 de setembro de 2019.

Na presente revisão, foram considerados como critérios de inclusão artigos que tratassem exclusivamente de casos, relatos e análises que abordassem como tema principal o racismo e/ou a influência negra no futebol brasileiro¹⁰. Os artigos incluídos foram avaliados utilizando como ordem para seleção o título, o objetivo, o resumo e, posteriormente, a metodologia utilizada, objetivando encontrar apenas os trabalhos realizados com a temática escolhida.

Após a leitura dos títulos, foram mantidos os artigos com temáticas alinhadas aos objetivos do estudo. De modo subsequente, foram analisados os resumos e as metodologias. Por fim, os dados foram extraídos dos artigos que cumprissem os critérios de inclusão acima indicados, ação realizada pelos autores do trabalho. Os dados

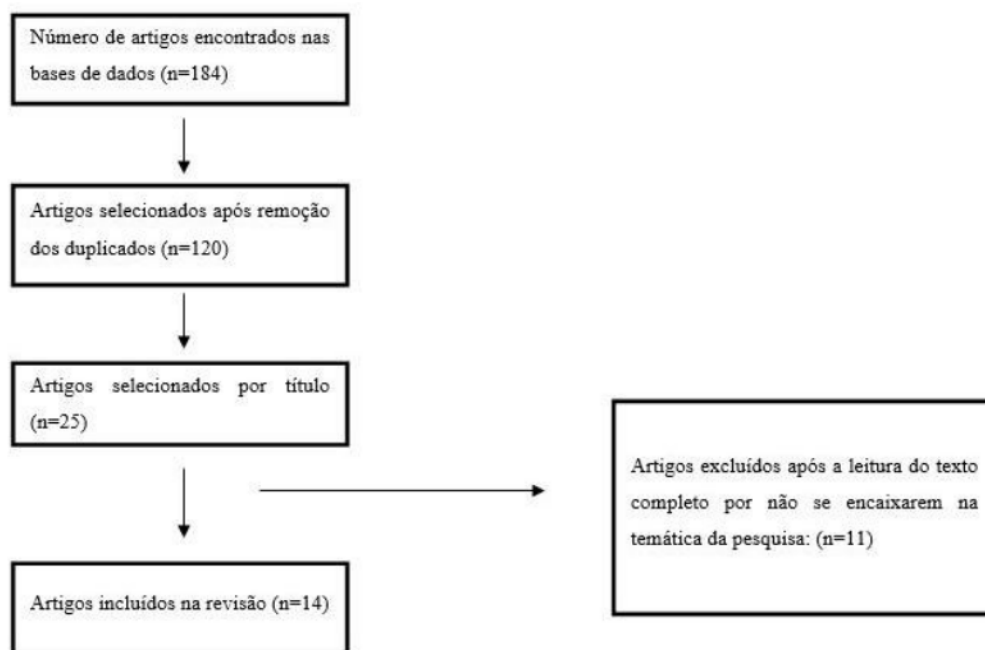
¹⁰ Cabe destacar que não encontramos nenhum artigo sobre o racismo/discriminação racial no futebol na escola. No ambiente escolar, verificamos que os trabalhos que trataram do preconceito no futebol abordaram questões de gênero, apenas.

dos artigos incluídos são apresentados na forma textual e tabular, considerando as variáveis de interesse.

Resultados e Discussão

A Ilustração 1 apresenta o fluxo das buscas e das depurações. Dos 184 artigos encontrados inicialmente restaram 120 após a exclusão dos títulos repetidos, chegando a 25 após a conclusão da etapa de leitura de títulos. Através da leitura completa, 11 foram excluídos, resultando em 14 artigos para a realização do estudo.

Ilustração 1: Fluxograma do processo de seleção dos artigos nas bases de dados



Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Todos os 14 artigos incluídos no levantamento utilizaram-se de metodologias do campo das pesquisas qualitativas. Cinco (CAVALCANTI e CAPRARO, 2009; ABRAHÃO e SOARES, 2011A; ABRAHÃO e SOARES, 2012A; ABRAHÃO e SOARES, 2012B; ABRAHÃO e SOARES, 2017) fizeram uso exclusivamente fontes

documentais (jornais, imprensa digital, revistas etc.). Dois (SANTOS; CAPRARO; LISE, 2010; LISE *et al.*, 2015) associaram fontes documentais à análise de discurso.

Souza *et al.* (2015) aliaram fontes documentais à história do tempo presente. Bandeira e Seffner (2016) combinaram fontes documentais e observação participante. Abrahão e Soares (2012C) uniram análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação participante. Abrahão; Paoli; Soares, (2011) utilizaram entrevistas semiestruturadas. Abrahão e Soares (2009) produziram um artigo conceitual. Anjos (2007) realizou um estudo de caso sobre o ex-futebolista Tesourinha. Em alguns estudos, as metodologias são mais explícitas e, em outros, menos.

Os artigos incluídos nesta revisão foram divididos em cinco categorias conforme os temas por eles priorizados: a) Os jogos Preto X Branco; b) A imprensa negra paulista e o futebol no início do século XX; c) Caso Barbosa e a Copa de 1950; d) Estilo de jogo e a influência da miscigenação; e) Casos de racismo e/ou injúria racial.

Os Jogos Preto X Branco

Considerando o volume de artigos encontrados e a especificidade do tema, uma categoria foi destinada exclusivamente às pesquisas sobre os jogos Preto X Branco. Em um dos trabalhos, Abrahão e Soares (2012A) analisaram o significado dos jogos de futebol entre jogadores pretos e brancos que ocorreram em São Paulo, no dia 13 de maio (1927 até 1939), data comemorativa do fim da escravidão. Essas partidas promoviam a suspensão por alguns momentos da hierarquização social daquela época e a equiparação das condições através das regras do esporte. Os autores concluíram que, além de não deixar esquecer de que houve escravidão no Brasil, outro objetivo era mostrar também que o país poderia ser modelo em relação à questão étnico/racial. Os autores finalizaram com as algumas indagações:

Poderíamos questionar, se é que não existia conflito ou tensão: por que os jogos não eram realizados com brancos e pretos atuando em uma mesma equipe? A resposta pode estar no fato de que um jogo com essas características não teria nada de especial. O diferencial desses jogos era colocar pretos e brancos, socialmente desiguais, em lados opostos, para jogarem em igualdade de condições (ABRAHÃO; SOARES, 2012A, p. 59).

No segundo artigo, foi feita uma pesquisa mais detalhada sobre a versão contemporânea do jogo Preto X Branco, com análise de publicações da imprensa, entrevistas semiestruturadas e observação participante na partida de 2009. Os autores encontraram relatos de situações que fugiam do discurso de confraternização e iam para situações graves em que jogadores chamaram rivais negros de “macaco”, com alguns atletas sendo até expulsos dos jogos por condutas discriminatórias. Mas esses foram relatos excepcionais. A grande maioria dos achados confirmou a principal característica dos jogos, a integração racial:

A celebração da amizade entre amigos “brancos” e “pretos”, ainda que reproduza representações pejorativas do negro no espaço carnavalizado do jogo, é uma tentativa de superação do racismo via o humor e a pilhéria do debate racial (ABRAHÃO; SOARES, 2012C, p. 23).

No terceiro artigo, Abrahão e Soares (2011B) buscaram comparar os jogos das décadas de 1920 e 1930 com os atuais. A respeito do surgimento dos jogos, a diferença apontada foi que o jogo das décadas de 1920/1930 surgiu a partir da insatisfação de alguns clubes com a política do futebol paulista e buscava celebrar o fim da escravidão e emancipação política dos negros, enquanto o jogo atual surgiu espontaneamente através dos moradores da periferia de São Paulo e buscava celebrar a amizade entre eles.

A conclusão do referido estudo aponta que os dois jogos, do passado e do presente, convergem para o mesmo objetivo: destacar a integração entre brancos e negros e lembrar-nos de que o racismo no país da miscigenação fere um dos valores da brasilidade.

Em sua tese de doutorado, Abrahão (2010) observa, ainda, como essas disputas refletem as ambiguidades do próprio “racismo à brasileira”, ou seja, por um lado é percebida a presença subjacente de um racismo não assumido, dissimulado e, por outro, quando a manifestação racista é explícita, imediatamente a postura antirracista é declarada.

Alguns indícios apontam que os jogos Preto X Branco, ocorridos em São Paulo entre os anos de 1927 a 1939, tiveram ressonância e repetiram-se também em outras cidades do país. Mackedanz (2016, p. 69-70), destaca a realização de um jogo organizado pelo Club Atlético Bancário, entre “o selecionado de jogadores da raça branca e o selecionado de cor”, ocorrido em Pelotas/RS, no final de outubro de 1927.

A Imprensa Negra Paulista e o Futebol no Início do Século XX

Em outros dois artigos, Abrahão e Soares abordaram como a imprensa paulista repercutia as atuações dos jogadores negros. No primeiro (ABRAHÃO; SOARES, 2017), os autores investigaram como a imprensa divulgou as vitórias dos Pretos, nos Jogos Preto X Branco de 1927 a 1931. Os autores destacaram o caráter ambíguo do enaltecimento das habilidades dos futebolistas negros. E alertaram que, se por um lado os elogios aos futebolistas negros produziam estereótipos positivos a respeito dessa população, por outro lado, eles reforçavam certa vocação “inata” dos negros para atividades corporais e artísticas, fortalecendo uma ideia preconceituosa de que apenas esses são os papéis sociais que a população negra é capaz de desempenhar com êxito.

No segundo estudo (ABRAHÃO; SOARES, 2012B), os autores buscaram observar as publicações da imprensa negra paulista a respeito da participação do negro no futebol da cidade. Ao longo do processo, perceberam a importância de alguns clubes

negros, especialmente da Associação Atlética São Geraldo¹¹ — agremiação mais citada pela imprensa negra, que noticiava suas vitórias nos campos de futebol acompanhada de adjetivos positivos sobre a participação do negro no futebol. As conclusões indicaram que os objetivos dessas publicações eram contestar as representações negativas sobre o negro presentes na sociedade e a construção de representações positivas sobre os negros tanto no campo de futebol, quanto em relação a outras demandas morais da época, como disciplina, higiene e ordem.

Os resultados encontrados, principalmente no segundo estudo, vão ao encontro de outros trabalhos (SANTOS, 2003; SANTOS, 2007) que se debruçaram sobre o tema. Assim como identificado em São Paulo, em outros estados também existiam órgãos de imprensa que trabalhavam com intuito de combater a discriminação racial. No Rio Grande do Sul houve uma série de jornais produzidos por negros, como: O Exemplo (Porto Alegre, 1892-1930), A Cruzada (Pelotas, 1905), A Alvorada (Pelotas, 1907-1965), A Revolta (Bagé, 1925), A Navalha (Santana do Livramento, 1931), O Tição (Porto Alegre, 1978), o Folhetim do Zaire (Porto Alegre, 1982-2005).

De acordo com Ferrara (1986), os primeiros jornais negros do Brasil datam do final do século XIX e estão vinculados ao contexto imediato do pós-abolição em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Geras, Pernambuco e Rio Grande do Sul e reúnem um grande número de temáticas, com especial atenção à educação, à moralização dos costumes e o combate ao preconceito racial.

¹¹ Embora não tenha sido o tema central do segundo estudo, cabem algumas considerações sobre a São Geraldo. Trata-se de uma agremiação esportiva negra, cujas apresentações e títulos contribuíram significativamente no combate à discriminação racial no futebol paulista do período. Em outras cidades brasileiras, também foram encontrados clubes de futebol com essas características, como o Sport Club Rio Grandense, fundado em Porto Alegre/RS em 1907 (SANTOS, 2018) e Sport Club Juvenil, fundado em Pelotas/RS em 1908 (MACKEDANZ, 2016; RIGO, 2004).

Caso Barbosa e a Copa de 1950

Em dois artigos selecionados (ABRAHÃO; SOARES, 2009; SANTOS; Capraro; Lise, 2010) o tema abordado remete a relação entre a Copa do Mundo de 1950 realizada no Brasil com o gol sofrido pelo goleiro Barbosa na final daquela competição. Tal gol deu o título mundial ao selecionado Uruguaio frente ao Brasileiro em um Maracanã lotado de espectadores locais famintos pelo título que já era dado como certo por todos, imprensa e torcida.

De acordo com o primeiro artigo (ABRAHÃO; SOARES, 2009), na época, a campanha brasileira na competição criou em todo o país um sentimento de que o título era questão de tempo; em determinados momentos do artigo, fala-se em previsões de goleada brasileira na final, como se o jogo já estivesse jogado. Nada nem ninguém impediria que o pomposo Maracanã, construído para mostrar a força e a competência tupiniquim, fosse palco do primeiro título mundial brasileiro.

Porém, o gol no canto esquerdo, entre Barbosa e a trave, mudou tudo. Nesse momento, o jornalista e escritor Mário Filho reconhece o racismo no futebol brasileiro, pois enxerga que foi um instante em que toda uma nação, mesmo que mestiça em sua maioria, aponta o dedo para o culpado, fazendo com que Barbosa e outros dois atletas, todos negros, tornassem-se responsáveis pela derrota. Também nesse momento ocorre o retorno de ideologias racistas na sociedade brasileira, e determinantes como “goleiro negro não serve” e “ELES não aceitam pressão” são instaladas e perduram até os dias de hoje, de modo a traçar um destino falho dos goleiros negros em momentos cruciais, como se as capacidades cognitivas e comportamentais fossem explicadas pelo tom de pele do atleta; concepções ultrapassadas, mas que insistem em retornar ao ambiente do futebol (ABRAHÃO; SOARES, 2009).

No outro artigo que abordou a temática, Santos; Capraro; Lise, (2010) compararam as crônicas escritas por Mário Filho e as publicações da imprensa esportiva dos dias seguintes à final da copa de 1950. Os autores não encontraram, nas notícias da época, nenhum indício explícito de discriminação racial nas matérias futebolísticas por eles analisadas. Para os autores, elas atentaram, predominantemente, para aspectos técnicos do futebol. A explicação, portanto, para que tais ideias denunciadas por Mário Filho tenham se difundido e perdurem até hoje, na opinião dos autores, dá-se pela grande fatia populacional que apreciava o futebol por meio dos jornais e pela significativa popularidade do referido cronista.

A aparente discordância nos resultados dos dois artigos encontrados na revisão não se sustenta ao trazermos outros estudos para o debate. Fraga (2009) observa que o fato do referido jornalista ter denunciado que estavam sendo feitas críticas racistas ao goleiro e boa parte da sociedade da época ter incorporado essa explicação para a derrota pode ser proveniente do complexo de vira-lata, expressão criada por Nelson Rodrigues, para explicar essa sensação presente no imaginário brasileiro, de que a mestiçagem era algo negativo e que impedia este país de triunfar. Assim, após a derrota inesperada em casa com o estádio lotado e o país paralisado para acompanhar o jogo, mesmo que a imprensa da época não tenha atribuído a falha à cor da pele do goleiro, boa parte da sociedade utilizou essa explicação, a qual, infelizmente, acabou se difundindo (FRAGA, 2009, p. 374-9).

Estilo de Jogo e a Influência da Miscigenação

Um dos periódicos analisados focou na influência do negro no estilo de jogo do futebol brasileiro. Abrahão; Paoli; Soares, (2011) buscaram analisar as representações socialmente construídas sobre a raça negra e a sua contribuição para a elaboração

identitária do estilo brasileiro de jogar futebol. Os autores entrevistaram diversos treinadores de categorias de base de clubes do país e até da equipe principal do Cruzeiro de Minas Gerais.

Muitos entrevistados sugeriram que a dicotomia entre o futebol gaúcho, mais pautado pela força, e o futebol brasileiro, que dá maior ênfase à habilidade e ao drible, justifica-se pelas diferenças culturais das regiões do Brasil, enfatizando que boa parte da população do Rio Grande do Sul tem descendência europeia. Nesta mesma lógica de explicação étnica, os entrevistados acreditam que o estilo brasileiro de jogar futebol é uma herança dos afrodescendentes, que teriam incorporado a esta prática desportiva movimentos corporais de outras manifestações culturais, como o samba, o carnaval e a capoeira. Além disso, alguns evocaram também uma explicação biológica, afirmando que os jogadores negros têm uma “corporalidade” específica, uma vantagem de ter ao mesmo tempo “força” e “ginga”.

O estudo também demonstra que, apesar dessa visão amplamente difundida de que o futebol brasileiro tem uma forma de jogar que enfatiza a habilidade, na prática, outras regiões do país também possuem particularidades no estilo de jogo, não somente o Rio Grande do Sul. Assim, enquanto no Rio de Janeiro o futebol praticado estaria mais próximo desse estilo nacional, no Nordeste o futebol tem ênfase maior na velocidade enquanto em São Paulo a modalidade ganha em quesitos táticos. Os autores não aprofundam, no entanto, nas explicações acerca dessas outras variações estaduais citadas.

Retomando a discussão principal do artigo, os autores assinalam que no imaginário nacional a herança étnica dos negros é considerada importante para o estilo de jogo do futebol brasileiro. Sobre a memória coletiva acerca da contribuição do negro para o futebol nacional, os autores observam que:

[...] as supostas aptidões corporais da ‘raça negra’ para o futebol parecem ter servido para a construção positiva da identidade nacional. A partir das marcas distintivas da ginga, da alegria, da habilidade e sensualidade corporal, o negro teria transmitido ao futebol do País a representação do seu estilo de uso do corpo (ABRAHÃO; PAOLI; SOARES, 2011, p. 206).

Concluindo, eles argumentam que apesar dessas concepções que consideram diferente a forma de jogar futebol do Rio Grande do Sul do estilo do resto do Brasil, “o jogador Ronaldinho Gaúcho, com seu jogo de corpo e ginga, é a expressão que nossas construções e representações alimentam as demandas normativas da identidade” (ABRAHÃO; PAOLI; SOARES, 2011, p. 201).

Ao encontro das concepções presentes no artigo analisado, de que essa identidade futebolística nacional foi construída em algum momento, outros trabalhos trazem contribuições interessantes. Franco Junior (2007, p. 77) explica que na década de 1930 os uruguaio e argentinos se consideravam donos de um estilo particular, o *fútbol criollo*, instintivo e inventivo, que seguia os movimentos do tango e em reação a isso é que os brasileiros começaram a buscar sua própria identidade futebolística nacional, a qual acabou sendo encontrada ao incorporar manifestações culturais negras, criando um estilo de jogo de criatividade e habilidade.

Casos de Racismo e/ou Injúria Racial

Alguns dos artigos analisados concentraram suas pesquisas em casos de racismo e/ou injúria racial¹² sofridos por jogadores negros. Anjos (2007) faz algumas considerações a respeito das alternativas da população negra da cidade de Porto Alegre (RS) para a prática do futebol. Segundo o autor, em 1920 havia três ligas no futebol porto-alegrense:

¹² Enquanto a injúria racial consiste em ofender a honra de alguém valendo-se de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem, o crime de racismo atinge uma coletividade indeterminada de indivíduos, discriminando toda a integralidade de uma raça (Conselho Nacional de Justiça. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/79571-conheca-a-diferenca-entre-racismo-e-injuria-racial>. Acesso em: 23 out. 2017.

[...] havia a “liga do sabonete”, composta por elementos da elite, que entravam em campo impecáveis; a intermediária, denominada de “liga do sabão”, composta por pequenos comerciantes e clubes pequenos comerciantes e clubes de etnias minoritárias; e, por fim, a “liga das canelas pretas”, constituída de times formados exclusivamente por jogadores negros, que não eram aceitos pelas outras equipes (ANJOS, 2007, p. 40-41)¹³.

Após essas considerações sobre as primeiras décadas do futebol em Porto Alegre, o referido autor discute o caso do jogador Tesourinha, que, segundo ele, foi o primeiro negro a vestir a camisa do Grêmio, em 1952, e a romper com a tradição de segregação presente em parte da torcida do referido clube, à época. Tesourinha havia jogado no Internacional¹⁴ do final da década de 1930 até 1949, quando se transferiu para o Vasco da Gama. Em 1952 retornou ao Rio Grande do Sul para defender o Grêmio. A representação que Tesourinha carregava em sua imagem de jogador, homem negro, precursor dos valores e da cultura afro, tornou a contratação do jogador pelo clube impactante: “associados do clube protestaram diante da admissão de um jogador que trazia para o clube toda uma representação sociocultural” (ANJOS, 2007, p. 43). Como jogador, essa representação era mais latente, tanto que a imprensa e o mundo futebolístico do Sul admitiam que Tesourinha possuía uma característica distinta de jogar, com beleza e plasticidade. O autor conclui que a ruptura desencadeada pela aceitação de Tesourinha no Grêmio, em 1952, não foi uma ruptura apenas contra a aceitação de um jogador: “a aceitação de Tesourinha consistiu na aceitação e na entrada de uma nova síntese coletiva que poderia criar e recriar novas relações sociais, permitindo extensas rupturas sociais” (ANJOS, 2007, p. 47).

No estudo realizado por Souza *et al.* (2015), foram abordados casos de injúria racial no futebol brasileiro e alguns casos internacionais. Os autores analisaram como a

¹³ Santos (2018) realizou uma pesquisa aprofundada em jornais da cidade de Porto Alegre e encontrou resultados diferentes. Identificou a existência da Liga Sul-Americana de Football fundada em 1913 por clubes operários e por clubes negros e analisou o histórico de fundação da Liga Nacional de Football Porto-Alegrense, pejorativamente chamada de Liga das Canelas Pretas, fundada em 1920 e das outras associações desportivas que a sucederam, a Associação Esportiva de Football e a Associação de Amadores de Football, fundadas no início da década de 1920.

¹⁴ Clube que, segundo o autor, possuía jogadores negros em seu plantel a partir dos anos 1930.

imprensa e as autoridades do meio futebolístico reagiram ante o exposto. Casos ainda frescos em nossas memórias, como os dos jogadores Arouca, Daniel Alves, Tinga e Roberto Carlos, bem como do árbitro gaúcho Márcio Chagas da Silva mostram que, embora a imprensa dê relativo destaque a questão, as penas atribuídas aos envolvidos têm sido muito brandas.

No caso analisado por Bandeira e Seffner (2016), que faz alusão a uma partida de Grêmio contra o Santos, onde o goleiro Aranha (Santos) foi chamado de macaco por um grupo de torcedores, diversos argumentos foram colocados para justificar a não punição ao clube. O ex-dirigente do Grêmio Luis Carlos Silveira Martins apropriou-se da rivalidade do Grêmio com o Internacional e expôs como argumento os xingamentos utilizados como se fazendo parte do folclore. A equipe do Grêmio foi a julgamento no dia 3 de setembro de 2014, acabou excluído da Copa do Brasil, além de ter sido multado em 54 mil reais.

Outro caso de racismo, agora mostrado por Cavalcanti e Capraro (2009), ocorreu a partir do próprio colega de profissão, no jogo realizado no Brasil entre São Paulo e a equipe argentina do Quilmes. O zagueiro argentino do Quilmes, Leandro Desábato, supostamente teria xingado o brasileiro Grafite de “negro de merda, filho da puta, negrinho” (TINOCO, Estado de São Paulo, 15/04/2005, p. E2). O jogador argentino recebeu ordem de prisão do delegado logo após o término da partida e, ainda dentro de campo, saiu algemado do estádio Morumbi. Ele permaneceu quase 37 horas na delegacia; por meio de um *habeas corpus* e após o pagamento de uma multa, foi concedido o alvará de soltura e o acusado assinou um termo de compromisso assumindo a responsabilidade de voltar ao território brasileiro quando for requisitado pela justiça.

Entretanto, os desfechos desses dois últimos casos foram diferentes entre os clubes. O Grêmio acabou sendo eliminado da competição que participava e o jogador

argentino recebeu uma semana de folga de sua equipe para se recuperar do estresse vivido no Brasil.

No estudo de Lise *et al.* (2015) foram analisados os discursos que cercaram o caso de racismo ocorrido na partida de futebol entre Asociación Civil Real Atlético Garcilaso (Peru) e Cruzeiro Esporte Clube (Brasil), contra o atleta do clube brasileiro Paulo Cesar Tinga. Os autores mostraram dois tipos de discursos que se desdobraram do caso, um amenizando e tentando contornar a situação e outro tendo um tom de reprovação ao ato de racismo. O argentino José Luis Meiszner (Secretário-geral da CONMEBOL) procurou amenizar os atos protagonizados pela torcida da equipe peruana justificando por meio de uma simples má-educação das pessoas. Já o presidente do Peru, Ollanta Humala Tasso, condenou as expressões proferidas pela torcida na partida de futebol e afirmou que elas deveriam causar indignação e impulsionar a luta contra todo tipo de discriminação.

Levando a discussão para análise sobre raça negra e estereótipos, Abrahão e Soares (2011A) procuram analisar os conceitos dos estereótipos que têm surgido sobre a "raça negra" através do futebol. O artigo reportou que durante 2005 e 2011, no cenário futebolístico mundial, ocorriam manifestações para os negros e mestiços comparando-os aos "macacos". Essa comparação remete a uma suposta ancestralidade símia. Comparados em relação à raça branca, os negros seriam atrasados no ponto de vista intelectual. Portanto, o uso desse termo é muito grave, pois remete às teorias racialistas, as quais, ainda no início do século XX, eram usadas para justificar a discriminação racial e que, posteriormente, foram totalmente refutadas pelo campo científico (ORTIZ, 1985, p. 7-21). Contudo, nos tempos atuais, elas continuam sendo usadas como forma de discriminação.

Os representantes do clube Peruano, entretanto, justificaram os xingamentos usando a expressão “macaco” dizendo que se trata de um problema de viés cultural, relacionando-o a má-educação: “[...] nós, os sul-americanos, não somos racistas. Somos sim, o povo mais mal-educado do mundo. Nos falta até mesmo cultura para, filosoficamente falando, provocarmos discriminação racial” (MEISZNER, 2014, apud LISE *et al.*, 2015).

Abrahão e Soares (2011a) sinalizaram que o fato dessas representações terem emergido em um momento de conflito proporcionado pelo ritual esportivo revela que “raça” é uma moeda acionada para desigualar aqueles que são iguais no plano das leis, sejam elas civis ou esportivas, lembrando que a democracia racial brasileira é uma falácia e que o racismo está inscrito na memória coletiva brasileira.

Os artigos que tratam de casos de racismo no futebol no século XXI ressaltam que a discriminação racial no futebol é tema recorrente, não superado. Nessa perspectiva, Abrahão e Soares (2011A) relacionam essa não superação a dimensões conjunturais e estruturais da sociedade brasileira. Bandeira e Seffner, (2016); Cavalcanti e Capraro, (2009); Lise *et al.*, (2015); Souza *et al.*, (2015) apontam para a frágil atuação das autoridades futebolísticas brasileiras no combate ao racismo. E alertam que, em consonância com a imprensa, as autoridades tendem a classificar os episódios de racismo no futebol brasileiro como casos esporádicos, sem pautar as causas e as consequências dessas condutas racistas. Diferente disso, os crescentes casos de injúria racial mostram que também no futebol brasileiro o racismo é recorrente e deveria ser enfrentado e combatido com maior ênfase.

Conclusão

A partir das produções analisadas nesta pesquisa, nota-se que o racismo no futebol é um fenômeno que se manifesta ao longo da história do futebol brasileiro. Alguns trabalhos analisaram os jogos Preto X Branco de São Paulo. Outros, trouxeram estratégias da imprensa negra em oposição ao racismo no futebol paulista no período de 1920 a 1930.

A respeito da reação da imprensa à derrota na Copa de 1950, um dos estudos pontuou que os meios de comunicação esportivos, à época, não definiram os culpados pela derrota a partir da cor da pele, mas ambos convergem para o fato de que mesmo assim, na sociedade brasileira, difundiu-se a ideia de que a miscigenação era algo negativo e que impedia o Brasil de triunfar, inclusive no futebol — ideário que evidencia que sobre a sociedade brasileira ainda pairavam ideologias discriminatórias.

Sobre o estilo de jogo brasileiro, um dos artigos observou que, no meio futebolístico, existe uma explicação étnica para as diferentes formas de jogar, a qual defende-se que o Sul — de colonização europeia — prioriza a força e a marcação, enquanto o estilo brasileiro de jogar prioriza o drible, sendo esta uma contribuição que teria sido incorporada pelos negros a partir de práticas culturais como a capoeira e o carnaval.

Quanto aos casos contemporâneos de racismo e injúria racial, os autores demonstraram que esse fenômeno é recorrente nos gramados brasileiros, mostrando que a discriminação ainda se manifesta no futebol e, por fim, observaram que as tentativas das autoridades futebolísticas de minimizá-lo estão sendo inadequadas e não têm contribuído substancialmente para a superação desta situação.

Novos estudos podem realizar levantamentos das produções a respeito do tema do negro no futebol realizadas por outras áreas do conhecimento, como História,

Antropologia, Sociologia etc., o que deve descortinar novos objetos de estudo dentro dessa importante temática.

Foram observadas, também, algumas lacunas ao longo da revisão. Os estudos parecem concentrar-se nas primeiras décadas do século XX, quando as diferenças entre brancos e negros no futebol operavam de forma mais evidente, e na copa de 1950, devido à atribuição da culpa da derrota a alguns jogadores negros. Após a copa de 1950, ocorre um salto e encontramos artigos sobre os casos de injúria racial no futebol atual. Esse hiato de cinquenta anos é ainda mais estranho por ser neste período que o Brasil conquista várias copas do mundo, com a contribuição fundamental de jogadores negros como Didi, Garrincha, Pelé etc. Isso pode indicar que os pesquisadores têm abordado apenas as situações ou casos de discriminação racial mais contundentes, e esquecido de realizar análises de momentos de ascensão e protagonismo dos jogadores negros e daqueles momentos nos quais a discriminação é mais sutil e dissimulada.

Por fim, destacamos duas ausências identificadas a partir da sistematização feita. A primeira refere-se às questões de gênero. Nenhum dos estudos analisados tratou do racismo no futebol de mulheres. Mesmo considerando que esta revisão incluiu um número limitado de revistas, a revisão sistemática sobre o futebol feminino de Teixeira e Caminha (2013) também não encontrou nenhum estudo referente ao racismo.

A segunda ausência diz respeito à infância e/ou à adolescência. Nenhum dos artigos incluídos nesta revisão abordou o tema do racismo no futebol escolar, nas escolinhas e nas categorias de base. Ou seja, ao menos nas principais revistas brasileiras da área da Educação Física, quando se pesquisa o racismo no futebol, há uma ausência das crianças, dos adolescentes e das mulheres.

Essas ausências, assim como os poucos artigos incluídos nesta revisão¹⁵, de certa forma, indicam que o racismo no futebol não é um tema prioritário de pesquisa no âmbito da Pós-Graduação Strictu Sensu da Educação Física brasileira nem da área 21 da Capes, área de proveniência das revistas incluídas nesta revisão.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. O. de L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2010.

_____. O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 265-280, 2011a.

_____. Os jogos de futebol “preto x branco” e a dramatização da questão racial no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.4, 2011b. DOI: <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2011.748>.

_____. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.1, p.47-61, 2012a.

_____. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012b.

_____. Futebol e lazer: uma análise sobre o “racismo à brasileira” através dos jogos “preto x branco”. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.3, 2012c. DOI: <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2012.709>.

_____. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 2, p. 183-190, 2017.

_____.; PAOLI, P. B.; SOARES, A. J. G. Identidades “Raciais” e Identidades Nacionais: as Representações do Corpo Negro na Construção do “Estilo Brasileiro de Jogar Futebol”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 195-210, 2011.

_____.; _____. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o chamado frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009.

ANJOS, J. L. dos. Futebol no sul: história da organização e resistência étnica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 33-50, 2007.

¹⁵ Isso torna-se mais evidente se observarmos que dos 14 artigos encontrados 8 são do mesmo autor.

- BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 985-998, 2016.
- CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.4, p.741-748, 2009.
- DOMINGUES, P. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90**, v. 16, n. 30, p. 215-250, 2009.
- ELIAS, N.:DUNNING, E.A **Buscada Excitação**. Lisboa: Difel Difusão Editora, 1992.
- FERRARA, M. N. **A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- FRAGA, G. W. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira**: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A Dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar. 2014.
- GUIMARAES, A. S. A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.
- LISE, R. S. *et al.* O caso Tinga: análise de (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 821-833, 2015.
- LONER, B. A. **Classe Operária**: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 1, 1999.
- LOPES, J. S. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. *In*: BATALHA, C.; SILVA, F. T. e FORTES, A. (org.). **Culturas de Classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Unicamp, p. 121-163, 2004.
- MACKEDANZ, C. F. **Racismo "nas quatro linhas"**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.
- MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras**: a conquistado do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

_____. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, p. 144-161, 1999.

MEDINA, E. U.; PAILAQUILÉN, R. M. B. A revisão sistemática e a sua relação com a prática baseada na evidência em saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 4, p. 1- 8, jul./ago. 2010.

MEISZNER, J. L. **Para número 2 da Conmebol, Tinga não sofreu racismo**. 21 mar. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/03/1428725-para-numero-2-da-conmebol-tinga-nao-sofreu-racismo.shtml>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

MULROW, C. D. Systematic reviews: rationale for systematic reviews. **BMJ**, London, n. 309, p. 597-599, sept. 1994.

OLIVEIRA, C. R. de. **O negro no futebol paranaense: o caso do Coritiba Foot Ball Club (1909-1942)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

SANTOS, J. A. **Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol**. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2018.

_____. **Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa, Pelotas (1907-1957)**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2003.

SANTOS, J. M. C. M. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, N.; CAPRARO, A.; LISE, R. Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 191-208, 2010.

SANTOS, R. **Pedagogias da negritude e identidades negras em Porto Alegre: jeitos de ser negro no Tição e no Folhetim do Zaire (1978/1988)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2007.

SOUZA, M. T. O. S. *et al.* Injúria racial no futebol brasileiro: uma análise sócio-histórica de alguns casos (não tão) esporádicos ocorridos nos últimos anos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 230-240, 2015.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. de O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar de 2013.

Endereço dos(as) Autores(as):

Christian Ferreira Mackedanz
Endereço Eletrônico: christianfmackedanz@gmail.com

Elaine Tonini Ferreira
Endereço Eletrônico: elainetoniniferreira@gmail.com

Gabriel Gomes da Silva
Endereço Eletrônico: gabrielgs_@hotmail.com

Lincoln Belmonte Bender
Endereço Eletrônico: lincoln_bender@hotmail.com

Mariângela da Rosa Afonso
Endereço Eletrônico: mrafonso.ufpel@gmail.com

Luiz Carlos Rigo
Endereço Eletrônico: rigoperini@gmail.com